



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano II - nº 14

Vitória-ES

Fevereiro de 2013

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



Passageiro de engano

Sérgio Sampaio, um dos maiores talentos da MPB tem sua trajetória musical lembrada pelo jornalista, compositor, amigo e parceiro Luiz Trevisan.

Nesta edição: **Aline Dias** Luiz Trevisan **Cláudia Sabadini** Wilson Coêlho
Aissa Afonso Guimarães Paulo Prot

Seguinte:

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

Sampaio forever

Foto Inara Novaes

Tiago Gomes, 27, é músico profissional desde os vinte, mas começou a tocar violão aos quinze. Pesquisador de ritmos aprendeu viola caipira, contrabaixo, guitarra, pandeiro, tamborim, percussão, casaca e tambor. É morador da Glória, em Vila Velha, entranhado pelo cheiro de chocolate que vaza pela fábrica da Garoto, a três quadras de casa.

Logo que chegaram de suas apresentações no festival de música da cidade de Guimarães, em Portugal, no verão europeu de 2012, Tiago e a cantora Inara Novaes foram convidados pelo filho de Sérgio Sampaio com a arquiteta Ângela Breitschaft, João.

Mas a história com Sampaio começou mais cedo. Foi com as versões de Sérgio e Raul Seixas que Tiago fazia com roqueiros da banda Boca do Mato, no final dos anos 2000, que ele chamou a atenção do jornalista e músico João Moraes. "Ele citou o trabalho da gente num artigo publicado no Estadão (Estado de S. Paulo). Era um artigo sobre Sampaio e aí ele citou a nossa banda", recordou.

Como surgiu a oportunidade para gravar as músicas de Sérgio Sampaio com o João, filho dele?

O João Sampaio viu um vídeo que fiz com a Inara Novaes da música 'Menino João' e mandou uma mensagem para a Inara pelo facebook. Disse que tinha gostado do vídeo, que sempre procurou alguma interpretação desta música na internet e nunca encontrou. Aí ele convidou a gente para gravar a



No estúdio Tiago (E) e João (D), filho de Sérgio Sampaio

música na seu estúdio Miragem Produções, no Rio de Janeiro, onde mora.

Quais músicas vocês gravaram?

Gravei 'Cala a boca Zebedeu', 'Odete', 'Velho bandido' e 'Meu pobre blues'. Inara fez 'Menino João', 'Em nome de Deus' e 'Rosa púrpura de Cubatão'. O convite era para gravar apenas 'Menino João', mas nos entendemos bem e João incentivou a gravação de mais músicas. Ao final da sessão, saímos de lá com sete músicas gravadas com o André Mareto na percussão, a Inara Novaes na voz e eu, entre voz e violão. O João fez a edição e a produção com o Daniel Obina, guitarrista da banda de reggae Bloco C.

Algum momento marcou especialmen-

te os dias no estúdio?

O João foi muito legal com a gente. Ele chegou até a me deixar usar alguns violões que foram do seu pai na gravação.

Por que escolheu trabalhar o repertório do Sampaio?

O Sérgio é uma linha de pesquisa por sua forma particular de tocar o violão, cantar e fazer poesia. Eu gostei logo que fui apresentado à sua discografia pelo Nilvado Mantovaneli, um

baixista amigo meu que dizia que minhas músicas pareciam com as músicas do Sampaio.

Qual o próximo passo?

João e Obina querem produzir um show com intérpretes das músicas do Sérgio. Inara e eu podemos participar.

Você continua tocando Sampaio nas apresentações?

Sim! Eu formei o 'Som na estrada' com o Guilherme Manhães. Nosso repertório tem composições autorais, a pesquisa que a gente faz dos grupos de jongo, ticumbi, folias-de-reis, congo e do cancioneiro popular tradicional capixaba. E músicas de Sérgio Sampaio!



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

MARIA LEILA CASAGRANDE (Respondendo)
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

MIRIAN SCARDUA
Diretor Presidente

SAMIRA MASRUHA BORTOLINI KILL
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO SILVA
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

CHRISTIANE GIMENES
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Ilustração da Capa

Zota

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



Considerações leves sobre novos *autores* do velho Espírito Santo

A literatura não tem motivo, ela simplesmente aparece na garganta de uns e outros como se fosse genética, karma, qualquer coisa cósmica. Há quem diga que estamos produzindo mais por conta da facilidade que a internet dá pras pessoas mostrarem o próprio trabalho, pela facilidade de leitura, a profusão de grupos como o Cronópio e a Confraria dos Bardos, que discutem a produção literária, ou sei lá por qual razão.

O fato é que muita gente tem sangrado e explodido em letras e fica até difícil definir quem é e de onde vem essa novíssima geração de escritores capixabas.

Eles mesmos não sabem direito. Natasha Siviero diz que só escreve quando está triste, mas só é feliz quando escreve. Talita Covre tem obsessão pela palavra. Leandro Reis escreve para organizar as coisas. Sarah Vervloet diz se tratar de um risco inevitável e Nayara Tognere só quer contar histórias.

Não. Nós não sabemos onde estão todos os possíveis gênios da geração. Nem todos publicam. Mas eles escrevem porque precisam, como esses aí de cima, e não são poucos.

Gabriel Ramos lançou seu primeiro livro de poemas, "longevo quando", no ano passado, mas antes já promovia saraus pela Ufes. Thalita Covre estava em muitos desses saraus antes de publicar online os seus "Cacos de Verbos Inflamados". Daniel Vilela tem seu "Música de Móvel" no prelo, no varal de casa e na internet. O livro de papel vai ser lançado em breve, no mesmo evento que o "Catamarán", do Leandro Reis - os dois fazem parte da coleção Cousa Nostra, da Editora Cousa.

Marcos Ramos lançou "Um corpo que se escreve pedra" em 2011 e está na lista dos contemplados dos editais de 2012 da Secult na categoria bolsa para produção de romance.

Na lista da Secult ainda estão os Contos de Sarah Vervloet e o "Baliza de Navio", de Natasha Siviero, estreantes nos editais de 2011.

Há, ainda, o time dos blogueiros, caso da Nayara Tognere, da Lívia Cobellari e do João

Chagas, que ainda não publicaram seus próprios livros, mas estão em revistas como a Cachoeiro Cult e a Graciano.

Há, ainda, o caso do André Arçari, que não tem blog nem publicou em livro seus poemas, mas distribuiu alguns na frente da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

André está neste texto, porque enviou poemas para Caê Guimarães, que fez a gentileza de mostrar-me alguns desses nomes, junto com Bernadette Lyra e Erly Vieira Jr. Nem todos os nomes indicados por esses três estão no texto por preferirem não aparecer.

Ainda assim, fica claro pelas indicações que não se trata apenas de nomes, mas de sentimento. Os amores da Nayara Tognere, a palavra bem talhada do Marcos Ramos, a prosa punk do Leandro Reis, o coração na garganta da Talita Covre, a doçura da Sarah Vervloet, a poesia da prosa do Daniel Vilela, o ritmo do Gabriel Ramos, enfim, a necessidade. A poesia. Aquela coisinha que eles têm que podia ser você, ou eu, ou a sua tia. O que podia estar em qualquer esquina, o que precisava ser dito, podia ser dito. O que toca.

E que bom que eles precisam escrever. A gente precisa ler o que eles escrevem. A gente precisa que eles continuem. ■



Aline Dias é cachoeirense, jornalista, publicou o livro Vermelho e mantém o blog Gota D'água alineodias.blogspot.com

Leia:
Daniel Vilela - ocirculocromatico.wordpress.com; **Gabriel Ramos** - voalivre.tumblr.com; **João Chagas** - set-tonightonfire.blogspot.com; **Leandro Reis** - leandrosr.blogspot.com; **Livia Corbellari** - http://liviacorbellari.wordpress.com; **Marcos Ramos** - palavra-avida.wordpress.com; **Natasha Siviero** - sambaprasmocas.com.br; **Nayara Tognere** - arquiteturaadonada.wordpress.com; **Sarah Vervloet** - chadechama.blogspot.com.br; **Thalita Covre** - paroi-de-lamentation.blogspot.com.br

CAPA

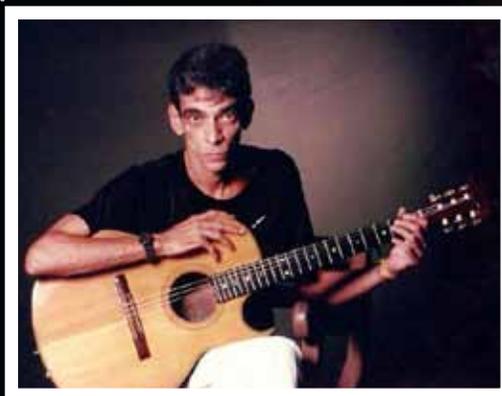
Sol de quase dezembro, meio da tarde, círculo pelo centro antigo da cidade. Entro no Pelicano, que funcionava ao lado do Alaska, perto da sorveteria Polar - cachoeirense sempre gostou de ícones frios, espécie de compensação ao calor, sei lá. Após cafezinho no balcão e uma mirada nos jogadores de sinuca espalhados pelo salão debruçado sobre o rio Itapemirim, encontro Kokô Sampaio, que estava de saída rumo ao bar do Auzílio, perto do Liceu.

“O mano tá lá tocando violão, vamos...”. Encontramos Sérgio à vontade, bermuda, violão na mão, no prato piabinha frita com limão. O

Auzílio tinha uma formidável coleção de cachaça e houve algum desfalque na prateleira depois daquela tarde de cantoria e prosa. Porém, às 7 da noite, em ponto, ele cerrava as portas, não tinha nem aquele choro da saideira.

“Auzílio tem muitas filhas e são bonitas”, justificou Sérgio apontando para três delas do outro lado do balcão, e filosofou: “Assim ele evita o assédio dos inconvenientes noturnos”, enquanto o dono corria a porta do bar atrás da gente. Na nossa frente, tínhamos o início de uma noite de sábado abafada e indefinições quanto ao rumo, já que a proposta era continuar a “fazer um som”.

Sérgio, então, sugeriu: “Vamos pra porta do cemitério”. Retruquei se não haveria um lugar menos sinistro. Ele rebateu no mesmo tom filosófico de boatequim: “Garanto que lá a vizinhança



Fotos Acervo Mara Sampaio



Luiz Trevisan
é jornalista e
compositor



Luiz Trevisan

luizptrevisan@yahoo.com.br

Passageiro de *engano*

não vai reclamar da nossa bagunça...” Tive que concordar, e lá fomos, àquela altura cinco caras todos bem magros e que poderiam, naquele local e horário, serem tomados por uma banda de almas penadas.

Mais tarde, Sérgio embarcou no seu Corcel 75, carro do ano, rumo a Mimoso do Sul, onde a mulher, Ponca, o aguardava. Não havia ainda rigores da Lei Seca nem a prudência que os anos trazem. De minha parte, retornei ao circuito “refrigerado” da Praça Jerônimo Monteiro, fiquei por ali zanzando entre o Pelicano, Polar e Alaska, onde sempre aparecia algum “Betim” para comentar sobre Estrela do Norte, o baile do Ita, o filme do Cacique ou a nova profecia ambiental do professor João Madureira.

E ainda havia o refrigério do melhor chope da cidade, colarinho na medida, tirado por Zequinha, que

tinha cara de tailandês e era todo simpatia no balcão do Alaska. Naquelas cadeiras giratórias, perscrutávamos mundos de sons, entre sonhos e temores naturais daqueles anos de chumbo pesado.



PEQUENO MISTÉRIO

Junho de 1971, ginásio de Esporte Nello Borelli quase lotado, e Sérgio Sampaio sobe ao palco para receber o prêmio de 1º lugar no II Festival Cachoeirense da Canção conquistado com a música “Pequeno Mistério”, (“Sua estrutura de papel crepom, sua armadura quase colossal, o orgulho e o barulho dos seus automóveis, nas

ruas. Deixa andar, deixa pra ver onde vai dar, quero estar, longe daqui eu quero estar...”), que nunca chegou a ser gravada.

Na presidência do júri, dando lastro aos prêmios da noite, estava Ciro Monteiro, o famoso sobrinho de Nonô Bonachão, simpático, a inseparável caixinha de fósforo entre os dedos, se encantou com a música classificada em segundo lugar, “Poeira”, de Cleomar e Estelemar Martins, tanto que cumpriu o que prometera naquela noite, de incluir a canção no seu novo disco, que haveria de ser o derradeiro.

Se “Pequeno Mistério”, mesmo com o prêmio principal, não saiu do anonimato, serviu para chamar atenção dos cachoeirenses para o talento do compositor, bem como a firmeza da sua interpretação. Até então, Sérgio era mais conhecido por suas incursões como locutor da Rádio Cachoeiro, a ZYL-9, a mesma onde duas décadas antes apareceu um cantor lá do bairro Recanto conhecido por Zunga e batizado como Roberto Carlos Braga.

Um ano depois, Sérgio não apareceu para o III Festival Cachoeirense: entre outros motivos, porque sua parceria com Raul Seixas havia rendido um disco, depois rotulado de “maldito”, o Grã Ordem Kavernista, e tinha classificado uma canção no Festival Internacional promovido pela Globo, no Maracanãzinho, em setembro. Ali, revelou-se para a MPB colocando o seu Bloco na Rua entre as finalistas. Nem os mais próximos tinham dimensão do que estava por vir.

Numa tarde de novembro de 1972, eu caminhava pelas ruas de Bom Jesus de Itabapoana onde fora participar de um festival de música realizado num cinema. Procurava uma

CAPA

lanchonete e me deparei com o carrinho de som anunciando uma liquidação no comércio.

Pelo alto-falante, o novo bardo cachoeirense entoava “Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua” na trilha sonora da queima de estoque de uma loja. Naquele exato momento, tive a noção de que o magro deixara de ser uma revelação exclusiva da “capital secreta”, como Cachoeiro fora batizado por Vinícius de Moraes, certamente bebendo uísque e tirando sarro com Rubem Braga.

PALCO, PORÃO E BAHIA

Entre encontros, desencontros, canções, paixões, vícios, virtudes, palco e porão, não necessariamente nesta ordem, alguns bons anos adiante e Sérgio reaparece na ensolarada Manguinhos.

Após alguns dias por ali, cunhou na capa do elepê “Tem que acontecer”, lançado em 1976: “Para Laurinha e Trevisan, ao nosso reencontro, mais velhos e mais bonitos...”

Naquele início de novembro de 1990, ele deixara para trás o Rio, ex-mulher, o filho João, de quem morria de saudades. Não gravava mais, shows escassos, passara uma temporada no solar paterno da Rua Moreira, em Cachoeiro, e não tinha sido muito agradável sua vida na cidade natal: bebia pelos bares, crédito negado, filava cigarro aqui e ali.

Numa operação-resgate por meio de ação entre amigos, viera pra Vitória e, dali, para a casa de Manguinhos. Dizia e parecia se sentir à vontade, embora somente em uma ocasião tenha colocado sunga para ir ao mar. Pisou na areia, botou a ponta do pé na beira d'água, reclamou que estava fria, e voltou para casa e o braço do violão.

Num daqueles dias, o jornalista Eustáquio Palhares, morador vizinho, comemorava aniversário. Sem avisar, cheguei por lá com Sérgio, de violão

na mão, que logo tomou conta da festa. Quando saí, altas horas, deixei-o reproduzindo a cena comum onde aparecia: rodeado de gente seduzida por suas canções e poesia confessional. “Foi um show exclusivo, um dos melhores presentes de aniversário que já recebi”, confessou-me, recentemente, Eustáquio Palhares.

O sonho de consumo de Sergio, que naquela altura eu apelidara de Sampa (abreviatura de Sampaio), meio que provocando suas caetanices, era, a propósito, passar uma temporada na terra de Caetano Veloso. Embora ele preferisse associar a Bahia a outro filho mais próximo, o parceiro Raul Seixas.

E havia recebido convite do Xangai, que batizara seu filho, morava em Salvador e acenara a possibilidade dele abrir seus shows pelo Nordeste.

Após mais uma ação entre amigos, para garantir passagem em alguns trocados, Sérgio embarcou para uma temporada em Salvador que, entre idas e vindas, durou cerca de três anos. Antes, porém, numa noite, surpreendeu-me ao pedir para tocar algumas das minhas canções.

Ele era o tipo fominha, não costumava passar o violão. Imagino que

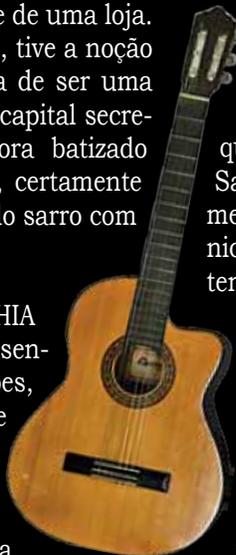
queria ser cortês com o anfitrião, daí o gesto pouco comum. A certa altura, pediu que eu mostrasse alguma canção inacabada ou sem letra. Apresentei o esboço de Luar da Cidade, que imaginara fazer uma espécie de versão urbana do Luar do Sertão, do Catulo.

Ele gostou, apanhou uma caderninha e engatou na letra. Estávamos debaixo de uma castanheira, também conhecida como amendoeira, sentados ao redor de uma mesa em madeira rústica. A certa altura, uma castanha verde despencou num baque em sustenido, passou perto da sua cabeça. Ele tomou susto, depois ficou olhando aquele fruto que rolara até um canto da mesa, pescou a deixa natural e emendou: “Pensei em ficar quietamente, debaixo de um pé de semente/Andarilho igual cigano, passageiro de Engano...”

Alguns amigos que conhecem a gravação feita pelo Filó Machado, lançada em 2012, brincam que consegui a façanha de fazer o Sérgio colocar um pé no mar e também no jazz, ele que era de outra praia e banda.

COMO ESTAR NUM AVIÃO

Se tivesse sobrevivido àquele ataque de pancreatite, em 1994, quan-



Luiz Trevisan

luizptrevisan@yahoo.com.br

do tinha 47 anos, poderia completar 66 anos neste abril de 2013. Seria de bom tom uma comemoração, como aquela dos tempos do bar do Auzílio. Acontece que o bar fechou de vez, Kokó nos privou de sua gargalhada escandida, em meio aos seus poemas visuais, desde 2003, o Itapemirim já recebeu as cinzas de Rubem Braga — acho até que as piabinhas ficaram mais letradas —, e tanto Alaska quanto Pelicano e Polar sucumbiram ao calor cachoeirense e às mutações.



Resta o consolo de poder reunir alguns amigos remanescentes, novos agregados e buscar em Cachoeiro algum lugar que seria do seu agrado, para passar a limpo aquilo que você resumiria como a celebração de quem partiu, quem teve medo e quem ficou.

Arrisco que você aprovaria subir o morro Santo Antônio para conhecer o “Estraga Lar”, bar que faz piada da própria fama e que mantém atrativos dos tempos do Auzílio: piabinhas fritas no cardápio, aguardentes de Burarama e cerveja bem gelada.

Não faltam motivos para boa prosa evocativa. Como sua alegria quando confirmei que também conhecera En-

gano, uma antiga estação ferroviária perto de Cachoeiro. “Eu sempre quis identificar alguém como ‘Passageiro de Engano’, mas não tinha certeza se o lugar existia ou era imaginação minha”, foi sua explicação divertida para o encaixe de duplo sentido na letra de “Luar da Cidade”.

No mesmo trilho ferroviário existe a história real do fã Durango Kid que veio de Brasília querendo conhecer a terra de quem tanto o cativara em passagem pela capital federal. Ali por volta de 1993, Sérgio foi a Brasília fazer duas apresentações, ao lado do violonista/guitarrista Zé Moreira. Fez sucesso, acabou ficando por lá uns dois meses, para outras exhibições. E compôs aquela que talvez seja a melhor canção popular já feita sobre a cidade:

“Quase que ando sozinho por todos os bares. Freqüente lugares, namoro suas filhas, Brasília. E posso dizer que começo a voar. Sossegado em seu avião ...”

Disposto a conhecer a terra natal do bardo cachoeirense, o fã não se intimidou com a falta de dinheiro. Pegou carona, dormiu em parques, chegou aos trancos e barrancos. Sobrou, claro, para os amigos de Sérgio dar

guardida ao fã que exibia, orgulhoso, seu maior tesouro: uma mala preta abarrotada por recortes de jornais e revistas, fotos, discos e guardanapos autografados por Sérgio. Havia até guimbas que teriam sido fumadas pelo compositor.

Visita, como diria Rubem Braga, depois do terceiro dia começa a cheirar mal, parece peixe exposto. O sujeito foi ficando, houve mais uma vaquinha para angariar recursos e despachar o fã num ônibus. Para complicar, surgiu greve de motoristas de coletivos interestaduais, até que um iluminado sugeriu inventar que Sergio havia composto “Viajei de Trem”, após fazer o trajeto entre Vitória e Belo Horizonte. O fã, olhos brilhando, topou na hora. Só assim a mala foi despachada.

Essa celebração dos 66 anos de nascimento teria desfecho apropriado ao som de “Cruel”, outra canção semibiográfica dos últimos anos vida, quando ele estava compondo cada vez melhor e havia se tornado uma pessoa madura, sem os rompantes que iam do mel ao fel. O destino, por esse prisma, lhe foi cruel.

Melhor dizendo, foi um “Destino Trabalhador”, título de uma outra canção que Sérgio deixou e ainda permanece inédita no “Balaio do Sampaio”. Um trecho da letra dessa música soa como aquele aviso luminoso sobre a cabeça de todo “Passageiro de Engano”: “Agora é como estar num avião, não há mais nada a fazer”.



Violões do Sérgio Sampaio herdados pelo filho João



CENTENÁRIO RUBEM BRAGA

A aldeia de *Rubem*

Um dia, numa brincadeira com Vinícius de Moraes, o escritor Rubem Braga respondeu a provocação do amigo afirmando que Cachoeiro de Itapemirim era mesmo a Capital Secreta do Mundo. Secreta no nome, mas intensamente propagada por onde passou, sua terra natal também foi lembrada em inúmeras páginas de histórias contadas e recontadas por Rubem ao longo de sua vida.

Contam-me contemporâneos do cronista sua curiosidade explícita sobre ‘as coisas de Cachoeiro’. Fato que comumente ocorria durante visitas na cobertura de Ipanema, telefonemas a qualquer hora do dia (e da madrugada) e cartas trocadas com os amigos. Até mesmo na Itália, quando foi correspondente de guerra pelo Diário Carioca, Rubem ficou curioso em saber se havia cachoeirense no front. Impaciente com a demora do irmão Newton em fazer a apuração do fato, ele mesmo percorreu os pelotões em busca de algum conterrâneo. Os nomes dos soldados constam na crônica “Cachoeirenses na guerra”, no livro “Crônicas da Guerra na Itália”.

Assim como Tolstoi que escreveu “se alguém quer ser universal,

cante sua aldeia”, Rubem levou Cachoeiro de Itapemirim de norte a sul do país e cruzou o Atlântico com as mais tenras lembranças da cidade. Diferente de tantos que se esquecem de onde vieram, o escritor manteve laços não só com o lugar mas também com as pessoas, os amigos de infância, com o cotidiano cachoeirense que lhe rendeu boas histórias.

Discreto nas aparições na cidade, era comum não se fazer notar nos eventos em que era convidado. Como o dia da final do concurso de crônicas que levava seu nome e para a qual estava sendo aguardado para a premiação. Chegou em Cachoeiro no dia anterior, se hospedou num hotel, percorreu o centro da cidade (que estava em festa), acompanhou a leitura das crônicas dos concorrentes em pé no fundo da plateia e depois foi embora. Assim me relatou o amigo Wilson Márcio Depes, um dos organizadores do evento.

O Velho Braga era avesso a homenagens. Tinha lá seus motivos. Mas, ainda com sua sabedoria nada pomposa, não escondia o orgulho de ter nascido à beira do Rio Itapemirim. “Modéstia à parte, sou de Cachoeiro”, escreveu. Braga se



Cláudia Sabadini
é jornalista cachoeirense

Cláudia Sabadini

claudia-sabadini@hotmail.com

Braga

tornou universal, mas nunca se esqueceu de sua aldeia. Nela nasceu e para ela quis voltar após a morte (suas cinzas foram lançadas no Itapemirim), num ato de profundo amor ao seu lugar.

A crônica de Rubem era impregnada de Cachoeiro de Itapemirim. A cidade jamais será a mesma depois dele. A singularidade de sua obra continua a influenciar escritores e leitores, que assim como ele precisam da literatura para sobreviver e entender as coisas da vida.

Cem anos se passaram. Na Casa dos Braga, debaixo do pé de fruta-pão, havia recortes da obra e da vida de Rubem. Fragmentos ao alcance de todos que visitavam a casa no dia do centenário. Fiquei ali a imaginar o que o Velho Braga estaria pensando sobre tudo aquilo. Se tivesse comparecido, provavelmente estaria com aquela conhecida feição carrancuda, que escondia um coração simples, generoso e delicado. No pequeno jardim dos Braga, ficamos nós também aprendendo a cantar a nossa aldeia. ■



Foto Márcia Leal

POLÍTICA CULTURAL

Um exercício das *cont*

Não nascemos humanos e o mundo não existe. Humanizamos-nos a partir do que fazemos para viver em comunidade e, ao criarmos códigos de compreensão da existência, inventamos o mundo. Mas a sobrevivência desse animal social está na sua capacidade de produzir linguagens, ou seja, significados a partir de seus costumes e valores. Estes significados se dão na cultura que se manifesta de distintas maneiras, desde as artes como a música, a literatura, o teatro, o cinema, a dança, a pintura e escultura, até a sua relação com a natureza, passando por toda e qualquer possibilidade de saber resultantes da experiência de ser e

Fotos Arquivo Secult

estar no mundo.

Conforme Marx, o capitalismo não é propício à arte, exceto quando utilizada como um bom investimento ou artifício de embelezamento do sistema. Na conjuntura, desde 2003, com a criação do Sistema Nacional de Cultura (SNC) abrangendo municípios, Estados e União, o Ministério da Cultura (MinC) dá um passo fundamental para que a cultura no Brasil (capitalista) não seja apenas compreendida como mero entretenimento ou refém dos investidores

Na tentativa de criar uma política pública de cultura, tal medida coloca em xeque as políticas culturais que se definem pelos interesses de gover-



Wilson Coêlho é “Com-mandeur Exquis” do Colégio de Patafísica de Paris



Wilson Coêlho

wilsoncoelho@gmail.com

tradições

nos e mandatos. Visa uma política de cultura de Estado em que os governantes têm um dever a cumprir para com a sociedade. Mas a formação e a deliberação dessa política pública de cultura devem se dar com a parceria entre os gestores públicos e os protagonistas desta produção de sentido de mundo (s): agentes culturais, artistas e sociedade civil.

Ao Plano Nacional de Cultura (PNC), o Espírito Santo também se empenhou no processo de elaboração do Plano Estadual de Cultura (PEC), com base na dimensão simbólica, como proposta de promoção e valorização da cultura pelo seu aspecto da diversidade, tanto de gêneros, categorias, espaços, estéticas,

etc., na questão de cidadania, com ênfase no debate ao compromisso do Estado em se comprometer e ampliar o acesso da população aos bens e serviços culturais e, no que diz respeito à economia, pelo fato do fazer cultural estar deliberadamente associado às atividades geradoras de trabalho e renda para as famílias e determinados grupos sociais.

Como pedra fundamental à elaboração do PEC-ES, instituiu-se um Grupo Executivo, formado por representantes da Secretaria de Estado da Cultura, do Conselho Estadual de Cultura e do Fórum Permanente das Entidades Culturais do ES. Nos meses de outubro e novembro de 2012 – foram realiza-

dos seminários territoriais nas dez microrregiões administrativas do Espírito Santo para colher propostas e sugestões sobre as distintas realidades que compõem a relação entre as políticas públicas existentes e as ações do estado.

Para além da grandiosidade do projeto, uma crítica ao descaso de muitos secretários municipais de cultura, o despreparo de vários gestores públicos e, pior ainda, o descompromisso com o coletivo por diversos companheiros das artes. Mas acredito que estamos experimentando uma dialética, onde o exercício político expõe sérias contradições entre as ideias e as práticas. ■



DIVERSIDADE CULTURAL

Salvaguarda do *Jongo*,

O jongo ou caxambu é uma tradição cultural composta por um conjunto de elementos estéticos, simbólicos e religiosos que se inter-relacionam no vigor de realização dos batuques de tambores acompanhado de cantos ou pontos, palmas e danças, que têm suas origens nas memórias dos ancestrais e nas práticas dos negros escravizados, de língua bantú, que trabalhavam nas lavouras de café e de cana-de-açúcar, na região sudeste do Brasil, conforme o Dossiê Jongo no Sudeste de 2005.

O jongo foi proclamado Patrimônio Cultural Brasileiro e registrado no Livro das Formas de Expressão, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacio-

nal – IPHAN, em 2005; no Dossiê Jongo no Sudeste foram identificadas comunidades nos Estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Espírito Santo, neste processo a maioria dos grupos do estado do Espírito Santo não havia sido identificada, assim como grupos do estado de Minas Gerais.

Neste sentido, durante 2012 foram realizadas atividades de mobilização junto às lideranças jonqueiras do Espírito Santo, para construção conjunta e acompanhamento de políticas de salvaguarda, através do Programa de Extensão “Territórios e territorialidades rurais e urbanas: processos organizativos, memórias e patrimônio cultural afro-brasileiro nas



Aissa Afonso Guimarães é professora pesquisadora do PPGA/CAR/UFES, no campo do patrimônio cultural e culturas populares no Brasil.



Mestres de Jongo/Caxambu do ES Auditório do CEUNES/UFES - São Mateus

Aissa Afonso Guimarães

aissaguimas@yahoo.com.br

Caxambu no Espírito Santo

comunidades jongueiras do Espírito Santo” da UFES, em parceria com o IPHAN e com a Secult/ES. O Programa “JONGOS E CAXAMBUS: Culturas Afro-brasileiras no Espírito Santo” de 2013 é continuidade do anterior, ambos coordenados pelo professor e pesquisador Osvaldo Martins de Oliveira (UFES). Os programas têm caráter coletivo e interdisciplinar, com equipe formada por professores e alunos das áreas de Antropologia, Artes e Educação da UFES.

Na primeira etapa da coleta de dados em campo foram visitados e identificados, quinze grupos jongueiros no ES, dez na região sul e cinco no norte do Estado; a maioria situada em comunidades

rurais e em pequenas cidades. Os grupos são formados por famílias remanescentes de quilombos e/ou por grupos sociais, estabelecidos através de relações de pertencimento e de identificações culturais e locais.

Três eventos foram realizados durante o ano de 2012, duas Oficinas de Mobilização Comunitárias, uma no sul e uma no norte e o “II Encontro Estadual de Jongos e Caxambus – Culturas Afro-Brasileiras no Espírito Santo” realizado no CEUNES/UFES, em São Mateus, com a presença de todos os grupos jongueiros e caxambuzeiros do Espírito Santo e de representantes das instituições envolvidas, ocasião em que

foram aprovadas as propostas e as diretrizes dos jongueiros para as políticas de salvaguarda encaminhadas ao IPHAN, na II Reunião de Avaliação da Salvaguarda dos Bens Registrados, em 2012.

Cabe ressaltar que o Estado do Espírito Santo é, em toda região sudeste, aquele que abriga o maior número de comunidades jongueiras/caxambuzeiras, embora a maioria delas, como citado, fosse desconhecida na ocasião do registro; fato que reafirma a necessidade de ampliação das pesquisas sobre o jongo no universo acadêmico, assim como do acompanhamento dos processos organizativos e das ações de salvaguarda para o patrimônio cultural. ■

Foto: Aissa Guimarães



Fotos Arquivo Secult



João Carlos Coutinho/SECULT

Jongo da comunidade de São Cristovão

CULTURA JOVEM

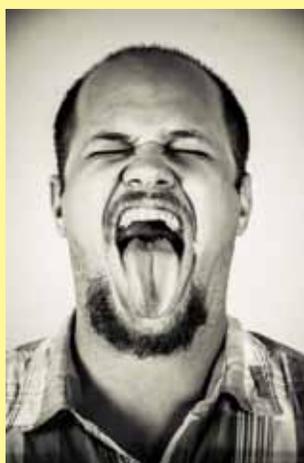
Criação cola

A revista *Nós* é uma ação do Programa Rede Cultura Jovem que tem como diretriz principal a colaboratividade. A cada edição são abertas inscrições para que novos colaboradores possam atuar na construção da publicação. Além deste grupo, que irá produzir conteúdo textual, são convidados membros para o Conselho Editorial do PRCJ, responsáveis por sugerir pautas e fontes, fotógrafos, ilustradores, além de um equipe de designers para a produção gráfica da edição. O produto editorial é sempre pensado enquanto um espaço para a experimentação de jovens artistas e produtores de conteúdo que apresentem uma produção autoral.

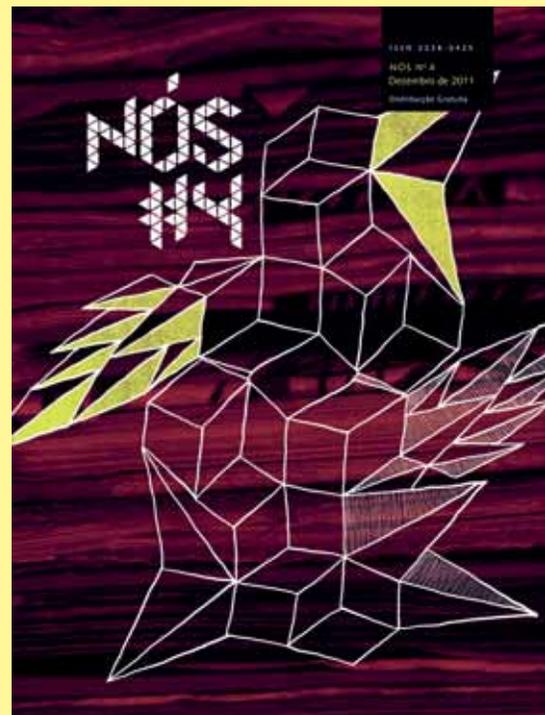
A revista *Nós* tem como pretensão apresentar o trabalho dos jovens produtores culturais do estado do Espírito Santo. Aqui pretendemos fazer um recorte acerca da atuação de designers gráficos na publicação e sua colaboração junto a esta proposta colaborativa.

Tem sido praxe no processo de produção da *Nós* o convite à participação de diferentes coletivos para a proposição de uma nova linguagem visual a cada edição, claro que sempre em concordância com o projeto gráfico original.

Projeto este proposto na primeira edição da revista pela equipe formada pelo designer Vinicius Guimarães e o artista plástico Alex Vieira, em 2010. Da primeira edição até a última, lançada em dezembro de 2012, cinco diferentes equipes colaboraram para o crescimento e consolidação da revista como espaço de experimentação visual. Tal abertura na proposta gráfica da publicação permite que os grupos interpretem à sua maneira o conteúdo produzido



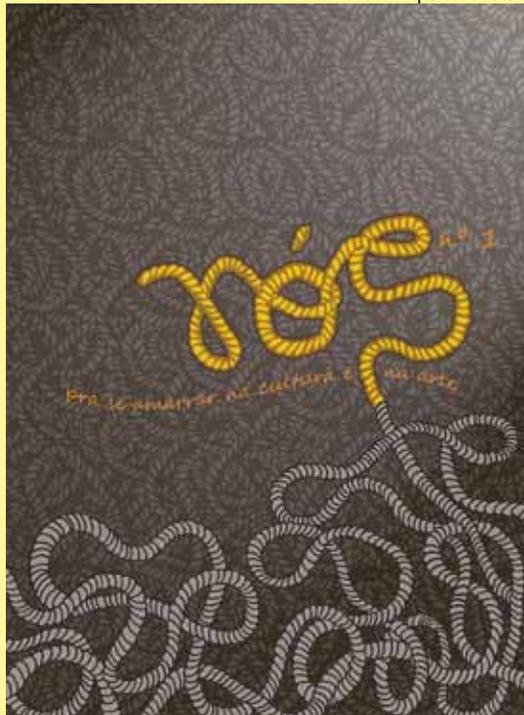
Paulo Prot é designer gráfico do Programa Rede Cultura Jovem



Paulo Prot
designprcj@gmail.com

borativa

Fotos Arquivo Secult



pelos demais colaboradores. Criando a cada edição inovações, permitindo uma grande aproximação e diálogo com toda a equipe de produção da revista, que se renova em cada edição.

Esta aproximação é possível por conta do processo de produção colaborativa. A revista conta com um extenso corpo de colaboradores que vem crescendo a cada ano. Na primeira edição foram 29, chegando a 45 na quinta edição. Durante estes anos tem se intensificado a aproximação dos produtores gráficos e demais colaboradores, permitindo aos designers compreender as diversas abordagens apresentadas em cada edição e proporem leiautes de acordo com o conteúdo.

Com o passar do tempo diversas linguagens foram experimentadas no conteúdo visual da revista. No caso da primeira e segunda edição (esta produzida pelas designer Juliana Colli e Juliana Lisboa, as Juuz) se explorou o uso de ilustrações apoiando e referenciando partes do texto, abusando de palhetas de cores e desconstruindo o diagrama das páginas. Na segunda edição teve início uma aproximação dos designers com a direção de fotografia, permitindo uma previsão das pautas e uma antecipação dos recursos visuais explorados na revista. Em algumas matérias, por exemplo, fotos foram utilizadas como base para a produção de grafismos, não sendo o objetivo final da pauta a utilização das fotografias propriamente ditas.

Na terceira edição, produzida pelos designers Gustavo Senna, Wérlen Castro e Felipe Gomes, foi proposto um direcionamento mais sóbrio para

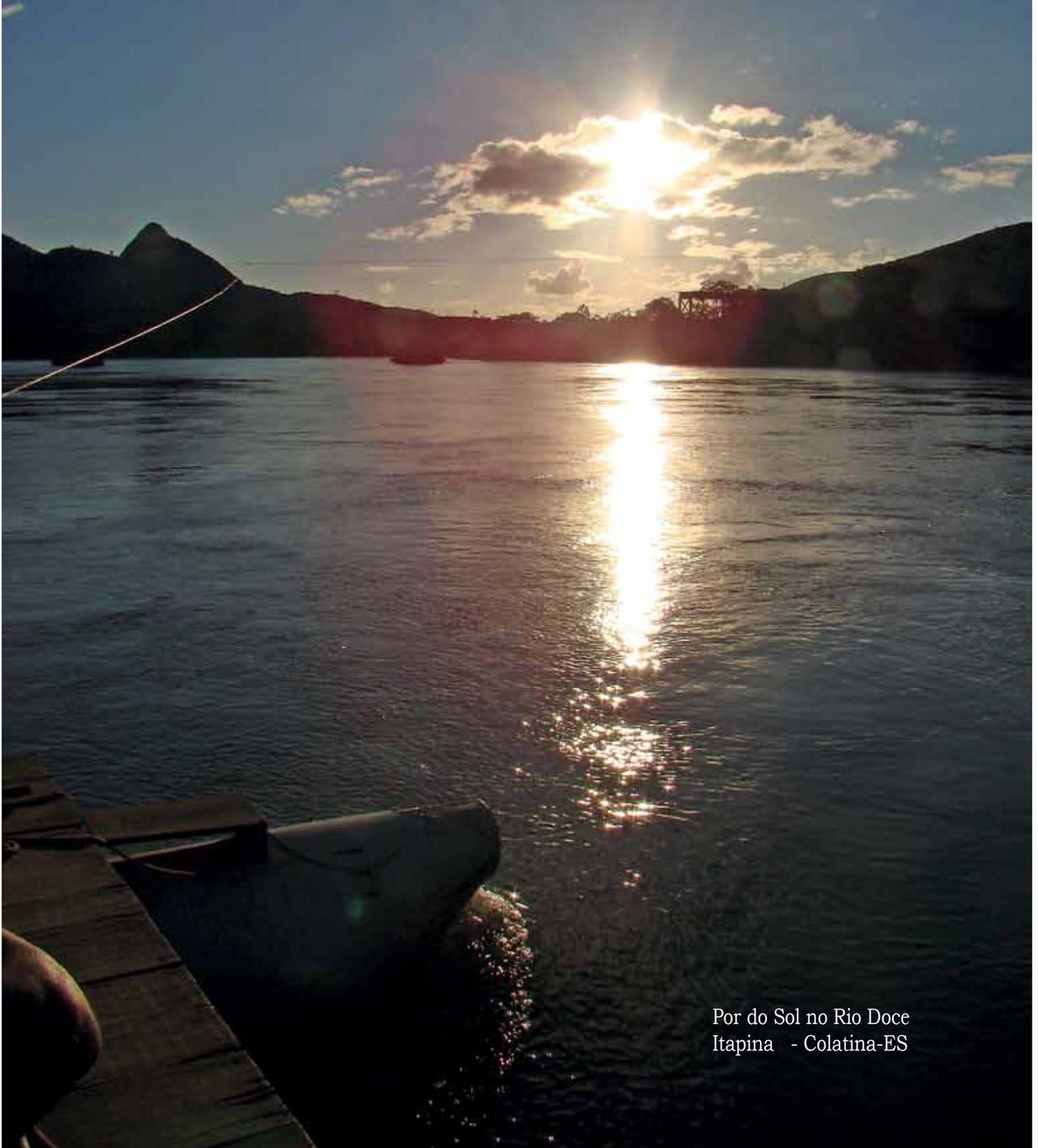
as páginas, mantendo o uso de cores saturadas, mas fechando o leiaute, explorando montagens fotográficas e até com fotocópias. Nesta edição o espaço para as ilustrações ficou reservado para a seção “Crítica Emaranhada”.

Na quarta, produzida pelos designer Camila Torres, Rayza Mucunã e Paulo Prot, e na quinta edição, cuja produção foi liderada pelos designers Higor Ferraço e Priscilla Martins, foi a vez da retomada de uma proposta inicial, lá da primeira edição, com o uso de diferentes tipos de papel e a exploração plástica da revista apresentando diferentes formatos, com dobras que alteram a experiência do usuário na leitura. Estas apresentam um uso mais híbrido de fotografia, tipografia e ilustração.

Desta forma a revista vem se consolidando como espaço experimental, onde designers recém inseridos no mercado tem a oportunidade de examinar diferentes processos de produção gráfica e adquirir experiência com um corpo editorial complexo, em diálogo com as juventudes inseridas na produção cultural. Esta precoce maturidade da revista Nós já gerou bons frutos como o 3º Prêmio de Incentivo à Criatividade na Produção Gráfica, conquistado pelas Juuz Design na categoria Editorial Revista. A quarta edição também foi contemplada com o 2º Prêmio Ronaldo Barbosa de Design Gráfico Universitário na categoria Impresso.

Para conhecer mais sobre a revista Nós e ficar ligado nas etapas de seleção de colaboradores da publicação basta ficar acessando o portalyah.com. A quinta edição pode ser lida também na internet no endereço portalyah.com/revistanos5. 

FOTO



Por do Sol no Rio Doce
Itapina - Colatina-ES